

TEXTO DE CATARINA FRAGA

Albert Eckhout: reflexões do contexto histórico na perspectiva da Ciência

Catarina Fernandes de Oliveira Fraga
Mestre em Educação, Leciona Didática, Metodologia e Prática de
Ensino de Ciências na UFRPE.

Albert Eckhout, desembarcou no Nordeste em 1637 e permaneceu no Brasil até 1644. Pintor e naturalista holandês, convidado pelo Príncipe João Maurício de Nassau, retratou os tipos étnicos, a fauna e a flora. Desse modo registrava com detalhamento o desconhecido do Novo Mundo para o Velho Mundo.

Na perspectiva da Ciência faz-se necessário refletir como se apresentava a natureza do conhecimento científico no século XVII. Perceber tais relações é relevante pois as concepções sobre a natureza do conhecimento científico envolvem noções quanto ao modo como se alcança o conhecimento em qualquer campo do saber.

Os naturalistas se dedicam a estudar duas ordens de fenômenos, os físicos e os químicos, constituindo ao que chamamos hoje de Ciências físicas e biológicas. Os primeiros biólogos foram os médicos: os pré-socráticos (Empédocles ou Anaxágoras) e os pós-socráticos (Aristóteles). Buscavam todos eles a fonte ou a origem da vida. Aristóteles interessou-se pelo fenômeno da reprodução. Do século XVII até a primeira metade do século XX, predominou na biologia a investigação fisiológica.

Historicamente, as principais concepções de Ciência são três: racionalista, cujo modelo de objetividade é a matemática; o empirista, que toma o modelo de objetividade da medicina grega e da história natural do século XVII; e o construtivista cujo modelo de objetividade advém da idéia de razão como conhecimento aproximativo. (Chauí, 1994)

A concepção racionalista, predominou desde os gregos até o final do século XVII (a ciência é capaz de provar tudo e tomada como verdade). A concepção empirista, ganha espaço desde a medicina grega e Aristóteles

ao término do século XIX (com os mesmos pressupostos, focava métodos experimentais rigorosos). Enquanto a concepção racionalista era hipotético-dedutiva a empirista era hipotético-indutiva. Enquanto a primeira definia o objeto e suas leis e dessa deduzia propriedades, a segunda apresentava suposições sobre o objeto, realizava observações e experimentos e chegava a definição dos fatos.

Na concepção construtivista, “iniciada em nosso século” o conhecimento não se encontra nem em nós, nem fora de nós, mas é construído, progressivamente, pelas interações que estabelecemos. As teorias (nossos conhecimentos, memórias e crenças) precedem observações influenciando-as. Nesta perspectiva, a ciência é vista como um processo dinâmico e sujeito a mudanças”. (Borges, 1996:17)

Hoje, por maiores que sejam as divergências, a maioria dos filósofos das ciências, apresentam uma visão construtivista.

Conforme a história da filosofia da Ciência (Losse, 1979), o século em que viveu Albert Eckhout, é marcado pelo ataque à visão Aristotélica. Destaca-se Francis Bacon (1561-1626), Galileu Galilei (1564-1642) e René Descartes (1596-1650).

Na tentativa de perceber a perspectiva do naturalista holandês daquele período, através dos historiadores da biologia, observa-se que com dedicação a descoberta dos precursores da ciência da ecologia, consideram que a medicina, a botânica medicinal, a “história natural” se situam no campo coberto por um pensamento aristotélico cristalizado, cujo finalismo e providencialismo não favorecem o **questionamento das relações entre os seres vivos e entre os seres vivos e meios externos**.

Tais reflexos incidem neste período e em seguida (Lineé, século XVIII) o pensamento lineano funcionou como ideologia de legitimação da ação destrutiva dos homens e como revelador da fragilidade dos equilíbrios naturais. Ideologia de legitimação, quando Lineé postula que: “(...) no governo da natureza, o homem é o mais alto servidor (...)” e que assim “(...) a natureza inteira tende a prover a felicidade do homem, cuja autoridade se estende por toda a terra e que pode se apropriar de todo o

seu produto”. Citava C. Lineé em L’ equilibre de la nature (apud Pascal, 1990:7).

Conforme Pascal, a história da ecologia simplesmente não é conhecida. Sendo o seu trabalho o primeiro no gênero “(não se trata da história de uma subdisciplina da ecologia, nem da história de um único conceito “central” desse ramo da biologia, nem da apresentação de seu desenvolvimento numa dada área cultural, mas de uma história da ecologia no sentido amplo do termo)”.

O século XVII, ainda influenciado pelos conceitos anteriores, na visão eckhoutiana, ao retratar índios, negros, mestiços, mamelucos, fauna e flora são apresentados pousando na terra e relacionados com os fatores bióticos a abióticos.

Trata-se bem mais do que mero registro “Eles são retratados pousando na terra para fazer ver aos sujeitos de outras terras, de usos e costumes diversos justamente a **relatividade de seus modus vivendi** (grifo meu)”. Oliveira (ANPAP, 2001:32)

Como se pode observar o conhecimento e suas manifestações é apresentado e construído num desenvolvimento intercalado por crises, rupturas e reestruturações, num processo permanente de mudanças. Desse modo, os atores históricos crescem e as ciências se desenvolvem. Portanto, compete a cada ator nesta breve reflexão, encontrar a própria resposta e novos questionamentos sobre a obra do pintor e naturalista Albert Eckhout.

Bibliografia

ACOT, Pascal. *História da ecologia*; Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

BORGES, Regina M. Rabello. *Em debate*: cientificidade e educação em ciências. Porto Alegre: SE/CECIRS, 1996.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

LOSSE, John. *Introdução histórica à filosofia da ciência*; Trad. Borisas Cimbleis – Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei Alves de. Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP – Comunicações: Centro de Artes e Comunicação. Dpto. de teoria da arte e expressão artística: UFPE – Recife, 2001.